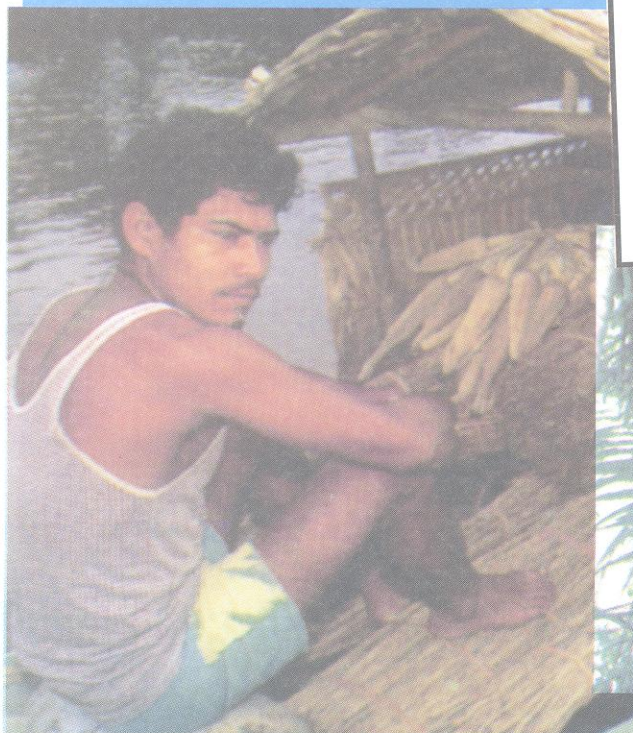


“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

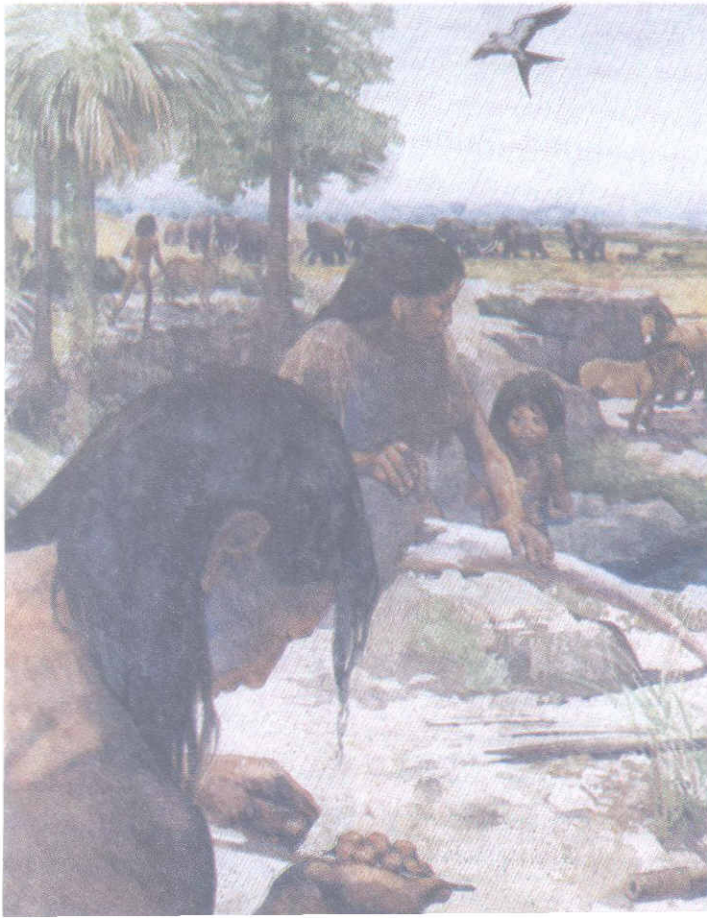
Paulo Freire





O Homem na Natureza e a Natureza do Homem

Um dos problemas da ecologia e do pensamento ecológico tem sido a questão do tratamento dado ao homem. Já vimos que essa dificuldade tem profundas raízes no nosso processo civilizatório. Não é raro ouvirmos frases do tipo: “o homem está destruindo a natureza!”, ao mesmo tempo em que se evoca o exemplo de comunidades indígenas como modelo e paradigma da relação homem-natureza. E aqui cabe a interrogação: não são os indígenas homens? Se o são, e



essa é uma verdade inquestionável pelo menos para a biologia, de que tipo de homem estamos falando quando se afirma que o “homem está destruindo a natureza”? Claro que quando se trata dos indígenas está-se falando de uma outra sociedade - de uma outra organização social, de uma outra cultura. Ora, se isto é verdadeiro, não são os homens enquanto categoria genérica que estão destruindo a natureza, mas sim o homem sob determinadas formas de organização social, no seio de uma cultura.

Na verdade, quando evocamos o indígena como modelo estamos remetendo para a idéia de um passado idealizado, de um paraíso perdido, de um “bom selvagem”. É como se se tratasse da lembrança de uma infância, boa por natureza, que foi pervertida no seu processo de desenvolvimento civilizatório... Ora, toda cultura é uma criação dos homens; é instituída num processo cheio de tensões entre diversos possíveis históricos. Se a nossa sociedade-cultura instituiu a forma presente de relação com a natureza e dos homens entre si, é necessário percebermos que esse conceito de natureza e de homem que temos não é mais nem menos natural que qualquer outro e se ele não nos agrada, temos de superá-lo através de um pensar e de um agir mais lúcidos.

(texto retirado de Os (des)caminhos do meio ambiente – Carlos Walter P. Gonçalves. São Paulo, Ed. Contexto, 2001, pág. 75)



A Arte e a Agricultura

Uma grande modificação em algumas tribos brasileiras se deu com a descoberta e a implementação da agricultura. Segundo a arqueologia, isso aconteceu há aproximadamente 4.000 anos. Com ela, o homem adquiriu a capacidade de controlar a produção de alimento, saindo da total dependência daquilo que a natureza espontaneamente lhe oferecia. Alguns dos vegetais plantados pelos cultivadores do Brasil, como o milho, o feijão, o tabaco e o algodão, foram certamente trazidos de outras regiões.

Os indígenas agricultores do Brasil, no entanto, desenvolveram seus próprios cultivos: corantes, plantas medicinais, palmeiras. Uma de suas descobertas mais grandiosas foi a do cultivo da mandioca, uma raiz de grande teor nutritivo, mas com algumas espécies venenosas. Os cultivadores indígenas descobriram o modo de extrair o veneno da raiz: prensando-a e torrando-a.

Outro grande marco da vida indígena data também dessa época: a cerâmica. Feitos de argila e cozidos no fogo, os objetos de cerâmica tinham formas variadas e tornavam-se impermeáveis e duros.

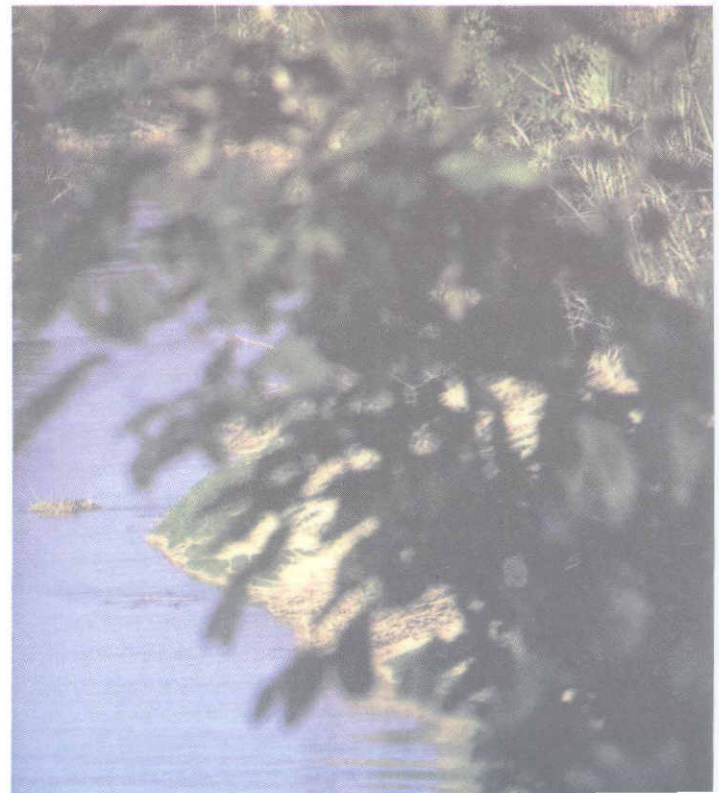
Em sambaquis do Estado do Pará, descobriram-se vasos de cerâmica datados de aproximadamente 4.000 a 5.000 anos, uma das cerâmicas mais antigas das Américas.

Os povos agricultores parecem ter se difundido ao longo das margens do grande rio Amazonas e de seus principais afluentes, sem nunca terem ocupado a mata mais espessa, fato comprovado pelos sítios arqueo-

lógicos desse período encontrados às margens dos milenares rios amazônicos.

Quando os primeiros historiadores portugueses, franceses, alemães e holandeses passaram a noticiar os povos do Brasil, diziam que os índios do século XVI eram divididos em duas raças: os Tupinambá, povos que dominavam a agricultura e a caça, e os Tapuia, povos coletores. Voltando através da arqueologia alguns milhares de anos, podemos verificar dentro da extensão desse território o que ocorreu de fato.

*(texto retirado de **A Terra dos Mil Povos: história indígena brasileira contado por um índio** – Kaka Werá Jecupé. São Paulo, Ed. Peirópolis, 1998, pág. 38)*





Natureza e Cultura

No pensamento ocidental, Natureza possui vários sentidos:

- *princípio de vida ou princípio ativo que anima e movimenta os seres. Nesse sentido, fala-se em “deixar agir a Natureza” ou “seguir a Natureza” para significar que se trata de uma força espontânea, capaz de gerar e de cuidar de todos os seres por ela criados e movidos. A Natureza é a substância (matéria e forma) dos seres;*

- *essência própria de um ser ou aquilo que um ser é necessária e universalmente. Neste sentido, a natureza de alguma coisa é o conjunto de qualidades, propriedades e atributos que a definem, é seu caráter ou sua índole inata, espontânea. Aqui, Natureza se opõe às idéias de acidental (o que pode ser ou deixar de ser) e de adquirido por costume ou pela relação com as circunstâncias;*

- *organização universal e necessária dos seres segundo uma ordem regida por leis naturais. Neste sentido, a Natureza se caracteriza pelo ordenamento dos seres, pela regularidade dos fenômenos ou dos fatos, pela frequência, constância e repetição de encadeamentos fixos entre as coisas, isto é, de relações de causalidade entre elas. Em outros termos, a Natureza é a ordem e a conexão universal e necessária entre as coisas, expressas em leis naturais;*

- *tudo o que existe no Universo sem a intervenção da vontade e da ação humanas. Neste sentido, Natureza opõe-se a artificial, artefato, artifício, técnico e tecnológico. Natural é tudo quanto se produz e se desenvolve sem qualquer interferência humana;*

- *conjunto de tudo quanto existe e é percebido pelos humanos como o meio e o ambiente no qual vivem. A Natureza, aqui, tanto significa o conjunto das condições físicas onde vivemos, quanto aquelas coisas que contemplamos com emoção (a paisagem, o mar, o céu, as estrelas, terremotos, eclipses, tufões, erupções vulcânicas, etc.). A Natureza é o mundo visível como meio ambiente e como aquilo que existe fora de nós, mesmo que provoque idéias e sentimentos em nós;*

- *para as ciências contemporâneas, a Natureza não é apenas a realidade externa, dada e observada, percebida diretamente por nós, mas é um objeto de conhecimento construído pelas operações científicas, um **campo objetivo** produzido pela atividade do conhecimento, com o auxílio de instrumentos tecnológicos. Neste sentido, a Natureza, paradoxalmente, torna-se algo que passa a depender da interferência ou da intervenção humana, pois o objeto natural é **construído** cientificamente.*

Esse último sentido da idéia de Natureza indica uma diferença entre a concepção comum e a científica, pois a primeira considera a Natureza nos cinco primeiros significados que apontamos, enquanto a segunda considera a Natureza como uma noção ou um conceito produzido pelos próprios homens e, nesse caso, como artifício, artefato, construção humana. Em outras palavras, a própria idéia de Natureza tornou-se um objeto Cultural.



Canção do Exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeira,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro cá;
Sem qu'ainda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.



Canto de Regresso à Pátria

Oswaldo de Andrade

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo



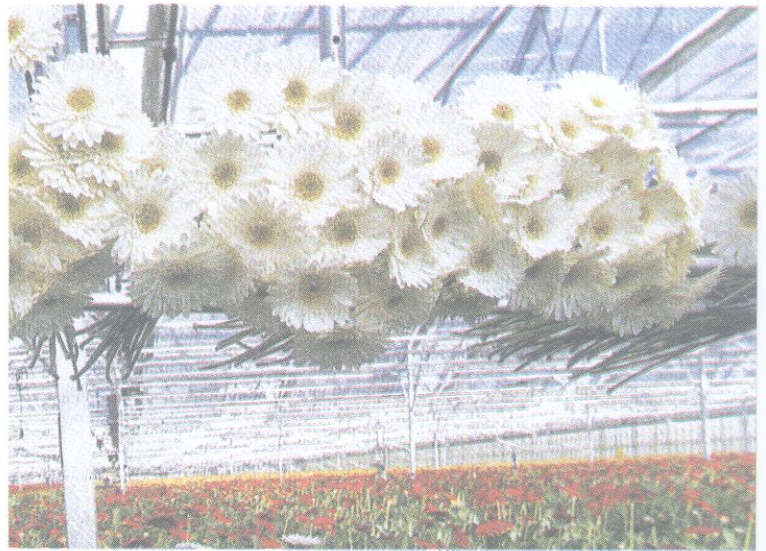
O cântico da Terra – Hino do lavrador

Cora Coralina

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.



A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.





Hermano, dame tu mano

J. Sanches y J. Sosa

Hermano dame tu mano,
vamos juntos a buscar
una cosa pequeñita
que se llama libertad.

Esta es la hora primera,
éste es el justo lugar,
abre la puerta que afuera
la tierra no aguanta más.

Mira adelante hermano,
es tu tierra la que espera,
si distancias ni fronteras,
que pongas alto la mano.
Sin distancias ni fronteras
esta tierra es la que espera
que el clamor americano
le baje pronto la mano
al señor de las cadenas.

Métale a la marcha
métale al tambor
métale que traigo
un pueblo en mi voz.

Hermano, dame tu sangre,
dame tu frío y tu pan,
dame tu mano hecha puño
que no necesito más.

Esta es la hora primera,
éste es el justo lugar
con tu mano y con mi mano
hermano, empecemos ya!

Mira adelante hermano,
en ésta hora primera
de apretar bien tu bandera
cerrando fuerte la mano.
Que apretada tu bandera
en esta hora primera
con el puño americano
le marque el rostro al tirano
y el dolor se quede afuera.

Métale a la marcha,
métale al tambor,
métale que traigo
un pueblo en mi voz.

Métale a la marcha
métale al tambor
métala que viene
la revolución.

